

Editorial

Concretizar-se enquanto *lugar*, continuado, de agregação de pensamento, mantém-se o intuito desta publicação. O quarto número da revista *Língua-lugar* surge num ano ainda labiríntico e procura tornar visível num mesmo espaço escrito, o trabalho de investigadores e investigadoras destes tempos. Com o objetivo duplo de justapor o português enquanto método, na sua qualidade de força de pensamento de problemáticas contemporâneas, e, ao mesmo tempo, enquanto objeto de estudo, esta publicação reflete uma realidade transversal a várias disciplinas e a várias épocas.

O dossiê deste número é apresentado por Nazaré Torrão no texto introdutório “Mulheres, poder e palavra”. Nele percorremos os artigos do dossiê que debatem, no seu conjunto e numa perspectiva contemporânea, o processo de conquista do espaço público através da palavra literária das mulheres em toda a sua complexidade. Nomeadamente no artigo assinado por Maria Barreto Dávila a ““Insinância das Damas” – Educação e literacia femininas na corte portuguesa de Quatrocentos” que aborda a presença activa das mulheres da alta aristocracia — D. Isabel de Coimbra, Isabel, duquesa da Borgonha e D. Leonor — na tradução e divulgação do *único* livro que promoveu a *educação e mecenatos femininos* na corte portuguesa durante os séculos XV e XVI. Discute-se o poder das mulheres, por vezes subversivo, enquanto força e transformação cultural num contexto de elites e, também por isso, formador.

Segue-se o artigo “Do medo da individualidade à exaltação de competências: as freiras de Santa Mónica de Goa no século XVII” por Ana Teresa

Hilário. Um artigo que reflete sobre vontades individuais das freiras em Goa e a diversidade da vida religiosa feminina quotidiana em contraste com os desejos iniciais dos poderes religiosos, dominantes, masculinos que estreitavam a uma imagem única a identidade destas mulheres. Em “*Asas de fumo, Asas de poesia: para uma leitura da imagem em Maria Teresa Horta*” Daniel Santos Tavares parte do conceito de aparição de Didi-Huberman para se ancorar à ideia de um corpo que se inscreve (e que se escreve) numa literatura que intenta estar para além da sua referência, da sua visibilidade. Asas são, então, uma lente que permite esse focar no que ainda não tem corpo, no que ainda vem.

O pensamento antropofágico de Oswald de Andrade estará presente adiante na secção Varia, mas é anunciado neste dossiê no artigo “De alguns galináceos na obra de Clarice Lispector” de Michel Riaudel no qual se analisam os diálogos, figurados e não, entre uma criança e uma galinha no universo literário de Clarice Lispector. O último artigo do dossiê intitula-se “Comunhão decolonial no *slam* de mulheres latino-americanas”, é da autoria de Raffaella Fernandez e trabalha as apresentações de *slam* de mulheres de países como o Brasil, México, Cuba e Colômbia que têm em comum a poesia falada inventada por, nas palavras da autora, mulheres *periféricas*. Aqui observam-se “feminismos insurgentes” com preocupações contra a colonialidade de género. Uma inscrição de agora com base no passado que se predispõe a pensar um futuro necessariamente múltiplo.

As restantes secções da revista abrangem outros temas, ainda relacionados ora com o poder da palavra ora com o discurso literário de uma mulher. É exemplo a secção Varia onde são apresentados dois textos que leem autores fundamentais na cultura brasileira. É, primeiro, apresentada a resenha do livro *Antropofagias: um livro manifesto!* por Danilo Bueno. O livro coloca em questão o *Manifesto Antropófago* (1928) e elabora sobre as diferentes formas interpretativas da obra de Oswald de Andrade, autor cujo pensamento redefiniu a cultura brasileira do século XX principalmente em questões que tratam da história da cultura colonial, sendo fulcral para a formulação de configurações artísticas contemporâneas. É, depois, numa crítica comparativa entre Eduardo Viveiros de Castro e João Guimarães Rosa, que Patrick Rebelo Santos se propõe, no seu texto sobre a *Interminável onça!*, a ler os aspectos domésticos e selváticos da literatura brasileira que são, eles também, alicerces para uma compreensão mais lata da atualidade. Na secção Lugar de Memória deste número é proposto ainda o trabalho de Carina Infante do Carmo ““O Lavra” de Irene Lisboa, uma sonda modernista do tempo de Salazar”.

Num contexto politicamente reprimido devido à ditadura em Portugal, repensam-se as lutas de classe, género, fascismo e guerra através do carácter alegórico de imagens urbanas.

Apresentado por Eduardo Jorge de Oliveira, que o descreve como "paraíso periférico que entoa o canto coexiste[ente] com os modos de habitar o mundo", o trabalho de Douglas Diegues "'TRANS AYVU ROPYTA" selección, traducciones y gravuras", é o trabalho escolhido para o Fora do Lugar deste número. Elaborando sobre uma *nova* língua, o *portuñol salvaje*, a sua língua, o trabalho imagina uma *trans-inbención* visual da poesia, onde gravura e uma não poesia regressam ao paraíso onde tanto os adultos como as crianças vivem.

É no campo da escrita e nas suas articulações que este número se propõe estar. É, no entanto, um estar ativo que procura dar a conhecer quem da palavra exige. De entre as figuras consideradas periféricas, que existem nos limites políticos, procurou-se trazer para o campo do público formas de vida e de língua, na sua pluralidade. A imagem, metafórica, é trazida tanto na forma de Asas como na de uma galinha, é traduzida, também numa forma não metafórica, numa língua que não sendo da terra é nativa (TRANS AYVU ROPYTA) e é portadora do lugar de onde se vê.

Mantemos um compromisso de continuar a trazer à revista Língua-lugar *lugares* onde a língua portuguesa é corrompida por si mesma e ganha a força de outro lugar. Desejo em nome do comité editorial, bons encontros.

Sofia L. Borges

DOI <https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2021.e687>